

CORREIO ECONÔMICO



Interdição de veículos não tem prazo para terminar

PIB poderá cair 5%, com retenção de 17,3 mil veículos

Uma redução de até 5% na atividade econômica do país. É essa a estimativa preliminar das perdas acarretadas pela retenção, nas aduanas de portos brasileiros, de 17,3 mil automóveis importados, devido à paralisação deflagrada pelos servidores do Ibama e do Ministério da Agricultura (Mapa), como meio de pressão para obter, junto ao governo, o atendimento de

‘Impacto profundo’
Devido ao potencial de provocar um impacto ‘mais profundo’ na economia nacional, a CNC avalia que “o governo federal deveria avaliar, o mais rapidamente, as reivindicações dos grevistas para garantir que todos saiam ganhando após esse momento crítico”.



Preenchimento prévio favoreceu resultado deste ano

IR: declarações somam 42 milhões, acima de 2023

Ainda que não alcançou a meta de 43 milhões fixada pela Receita Federal, o número de declarações do Imposto de Renda Pessoa Física (IRPF), entregues até o prazo fatal da última sexta-feira (31), superou o registrado no ano passado, quando ficou em 41,2 milhões. Somente nos dois últimos dias, cerca de 4 milhões

20% do valor
Facilidades digitais à parte, aqueles que não entregaram a declaração de IR estão sujeitos à uma multa mínima de R\$ 165,74, que pode chegar a 20% do valor devido, a depender do valor não declarado. Contribuintes do RS poderão entregar o documento até 30 de agosto.

B3: maio amargo
Terceiro pior desempenho dos primeiros cinco meses de um ano, desde 2010, o Ibovespa fechou esse período de 2024 com recuo acumulado de 9,01%, sendo 3,04%, só em maio, sob a influência ‘decisiva’ de ações de commodities, como às da Vale, que caíram 0,21%.

Dólar ‘feliz’
Em contraste com a bolsa ‘brasilis’, na sessão da última sexta-feira (31), o dólar valorizou 0,81%, a R\$ 5,25, como reflexo positivo à divulgação de dados de inflação nos EUA dentro da expectativa do mercado. No acumulado mensal, a moeda ianque avançou 1,10%.

Projetos de energia eólica devem injetar R\$ 60 bi no RJ

Previsão de estudo será apresentada pela Firjan na próxima semana

Por Marcello Sigwalt

Dos 94 projetos de energia eólica offshore (obtida pelo vento em alto-mar) e produção de hidrogênio no país – que perfazem um potencial total de geração de 234 gigawatts (GW) – 14 têm previsão de desenvolvimento no estado do Rio de Janeiro, os quais devem gerar 24 GW, correspondentes a investimentos de R\$ 60 bilhões.

A previsão consta do documento “Transição e Integração Energética no Rio”, que consiste em uma análise da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan), que se baseia em dados do Ibama, da Empresa de Pesquisa Energética (EPE) e de projetos privados, a ser apresentado, entre os dias 11 e 13 de junho, quando ocorre a primeira edição do Macaé Energy.

Promovido por Firjan Senai, Sebrae RJ e Prefeitura Municipal de Macaé, o evento deve reunir representantes da indústria, de instituições e do Poder Público, em que serão debatidos temas como eficiên-



Divulgação

Expectativa é de que projetos renováveis devem impulsionar economia fluminense

cia, transição e integração energética, visando meios para que esses projetos ‘deixem o papel e se tornem realidade’.

Para o vice-presidente da Firjan, Luiz Césio Caetano, ‘é fundamental avançar na regulamentação para que esses investimentos sejam implementados’.

Em favor do investimento,

a federação fluminense destaca o fato de que, além do potencial de criação de empregos, os projetos de eólicas offshore e de produção de hidrogênio ‘constituem um passo na direção da descarbonização da economia brasileira’.

Mas esse desafio, prossegue a entidade, está associado à necessidade de ‘formatar’ as fon-

tes complementares a matriz energética brasileira.

Como reforço à iniciativa, a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) informou que a capacidade instalada centralizada na matriz elétrica conectada ao Sistema Interligado Nacional ultrapassou, há alguns dias, o patamar de 190 gigawatts (GW).

Renovável já detém quase 40% da matriz

A arrancada das eólicas offshore ocorre num momento propício para o setor, em que as energias renováveis já são responsáveis por 39,7% da matriz elétrica brasileira, com tendência de crescimento.

De acordo com estudo da consultoria A&M Infra, projetos solares, eólicos, hidrogênio verde e de biocombustíveis devem atrair investimentos anuais de R\$ 40 bilhões.

Nesse contexto, a liderança

dos aportes deve ser desempenhada pela energia solar, levando em conta a queda nos preços das placas e os subsídios, empresas e consumidores. Esse setor já responde por quase 20% da geração de eletricidade, segundo a Aneel.

De acordo com o sócio-diretor da A&M Infra, Filipe Bonaldo, “cada vez mais os biocombustíveis e a energia renovável estão sendo vetores de crescimento no consumo e da

transição energética do nosso mercado nacional”.

Ante à forte expansão do mercado eólico, a Associação Brasileira de Energia Eólica (Abecólica) encaminhou solicitação ao Ministério de Minas e Energia (MME), no sentido de que os projetos de energia eólica offshore sejam executados com o uso de estaleiros e o parque industrial nacional disponível, de modo que a cadeia produtiva seja ‘gradativamente

ampliada’.

A proposição integra contribuição enviada pela entidade, no contexto de consulta pública aberta pela pasta, para discussão do tema “Transição Energética Justa, Inclusiva e Equilibrada” - caminhos para o setor de O&G viabilizar a nova economia verde.

A iniciativa da Abecólica visa fomentar “a transição energética da indústria e gerar empregos tecnológicos e de alto valor agregado”. (M.S.)

Polianilina é alvo da transição energética

Por Marcello Sigwalt

Identificado recentemente por cientistas da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), a polianilina – espécie de polímero condutor com camadas de nanotubos de carbono de paredes múltiplas – é uma das maiores promessas da chamada ‘transição energética’, para produção de hidrogênio verde.

A inovação, porém, admite especialistas, enfrenta o desafio de superar os altos custos de produção da iniciativa. Segundo eles, ‘quanto maior a concentração de nanotubos, menor a demanda de energia para a obtenção do hidrogênio verde’. Para melhor entendimento, explica-se que os nanotubos de carbono desse sistema possuem largura correspondente a um diâmetro de um fio de



Divulgação

Polímero é uma das apostas para produzir hidrogênio verde

cabelo, ainda dividido mil vezes.

Atualmente em fase de laboratório, o estudo ainda demandará testes que vão verificar se o material possui viabilidade industrial, com vistas à sua otimização para fins econômicos. Além de apresentar potencial

para substituir os combustíveis fósseis, em diversas áreas, como transporte, fábricas e na geração de energia elétrica, o hidrogênio verde pode ser empregado na fabricação de ureia, substância utilizada como fertilizante.

“Os primeiros passos foram

vencidos, mas ainda tem muita coisa nova para fazermos. É como se explorássemos novas oportunidades que estão nascendo” assinala um dos autores do artigo, o chefe-geral da Embrapa Instrumentação e pesquisador da UFSCar, José Marconcini, ao acentuar como maior vantagem da polianilina, o fato de esta ser mais simples do que a cerâmica para a produção da energia verde.

Outros estudos voltados à produção de hidrogênio verde por meio da cerâmica, material semicondutor, em escala laboratorial, contudo, exigem equipamentos de maior complexidade, como fornos com alta temperatura em fábricas especializadas.

Em contraponto à cerâmica (que requer exposição sob forte calor por longo tempo), a polianilina é obtida em temperatura ambiente com reagentes líquidos, com redução de custos.

Busca de crédito ‘prepara’ recuperação

Mesmo denotando fase de retomada – ao sair de uma queda de 13% no mês anterior, no comparativo mensal – a busca por financiamento no país subiu 14% em abril último, mas caiu 24%, ante o quarto mês de 2023, aponta o Índice Neurotech de Demanda por Crédito (INDC), que mede mensalmente o número de solicitações de créditos pelos segmentos de varejo, bancos e serviços. A melhor performance de

abril deste ano teria vindo do setor financeiro, que cresceu 19% (no comparativo mensal), seguido pelo varejo (9%) e os serviços (3%).

No comparativo anual, o varejo voltou a ser o maior ‘protagonista’ da queda do INDC, ao responder por uma queda de 24%. Já os bancos recuaram 8%, em contraste com os serviços, que avançaram 9%.

A despeito do desempenho positivo do indicador em

abril, no comparativo mensal, a observação do mercado é no sentido de que tal alta deve ser vista com cautela.

Segundo a head de produtos Analytics da Neurotech, Natália Heimann, “há, ainda, uma grande incerteza sobre a possibilidade de recuperação geral nos próximos meses”.

Para Natália, o dado de queda de 26% do INDC em março, no comparativo anual, deve ser levado em consideração. “É

importante que as empresas de crédito estejam atentas ao comportamento dos consumidores que, a esta altura, estão cautelosos perante uma economia que ainda é instável, mesmo com queda da taxa de juros”, assinala.

A categoria ‘supermercado’, cresceu 4%, no comparativo anual; vestuário despencou 50%; lojas de departamento retrocedeu 31% e eletro/móveis, -22%. (M.S.)